



Journal homepage:  
[www.arvore.org.br/seer](http://www.arvore.org.br/seer)

## RÁDIO UNIVERSITÁRIA WEB: REFLEXÕES SOBRE UM MODELO EM CONSTRUÇÃO

### RESUMO

O conceito de web rádio e as operações envolvidas no processo de implementação deste tipo de rádio estão em constante elaboração, no que se pode chamar de midiamorfose ou radiomorfose. O presente artigo visa discutir brevemente a radiomorfose do rádio AM para a web rádio, tentando conceituar este último termo no contexto da implantação da Rádio Universitária Web da Universidade Federal de Pernambuco.

**PALAVRAS-CHAVES:** Novas Mídias; Web Rádio; Mediamorfose; Rádio Universitária Web.

## COLLEGE RADIO WEB: REFLECTIONS ON A MODEL BUILDING

### ABSTRACT

The web radio concept and the operations involved on the implementing process of such kind of radio are in constant development in the so called mediamorphosis or radiomorphosis. This article briefly discuss the radiomorphosis from AM radio to web radio, trying to conceptualize this last term in the implementation context of the Federal University of Pernambuco Web Radio.

**KEYWORDS:** New Media; Web Radio; Mediamorphosis; University Web Radio.

*Revista Brasileira de  
Administração Científica,  
Aquidabã, v.4, n.2, Ago 2013.*

ISSN 2179-684X

SECTION: *Articles*

TOPIC: *Sistemas e Tecnologia da  
Informação*



*Anais do Simpósio Brasileiro de  
Tecnologia da Informação (SBTI 2013)*



DOI: 10.6008/ESS2179-684X.2013.002.0015

**Carolina Dantas de Figueiredo**

*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*  
<http://lattes.cnpq.br/9786861294557962>  
[carolina.figueiredo@ufpe.br](mailto:carolina.figueiredo@ufpe.br)

Received: 07/07/2013

Approved: 05/08/2013

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

### Referencing this:

FIGUEIREDO, C. D.. Rádio universitária web: reflexões sobre um modelo em construção. *Revista Brasileira de Administração Científica*, Aquidabã, v.4, n.2, p.214-227, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.6008/ESS2179-684X.2013.002.0015>

## INTRODUÇÃO

A ideia de criar uma rádio web na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) começa ainda em 2012, motivada por uma dupla de alunos do curso de Rádio, TV e Internet, inquietados com a desativação da Rádio Universitária AM. Na verdade, num primeiro momento, a demanda recaía sobre a possibilidade de reativação da própria Rádio Universitária AM, porém, as discussões sobre a rádio, o formato AM e a emergência do padrão digital, conduziram, quase que naturalmente a uma reflexão sobre a noção de rádio web, suas possibilidades técnico-comunicacionais e sua viabilidade, dentro do curso de Rádio, TV e Internet da UFPE.

Em artigo publicado em 2012, isto é, ainda antes do lançamento da rádio, numa etapa de pesquisas e levantamentos preliminares, Allison Mendes e Gustavo Souza, provocadores da discussão sobre a Rádio Web e primeiros bolsistas do projeto, discutiram o cenário atual do rádio AM no Brasil. Segundo as pesquisas iniciais, dois dos principais problemas deste veículo seriam a “concentração da propriedade devido ao problema das concessões distribuídas entre grupos respaldados por alianças e interesses políticos” (MENDES e SOUZA, 2012, p.4), que o acompanha desde o seu início, e, mais recentemente, “dificuldades técnicas e equipamentos obsoletos” (Ibidem). Colocado em segundo plano em detrimento do FM, o rádio AM entra em um declínio lento, mantendo-se atualmente na maioria das rádios uma estrutura de funcionamento bem menor do que no passado (PRATA, 2011). Diante da digitalização da radiodifusão o futuro do rádio AM é incerto. Não se pode, contudo, falar de extinção do rádio AM, tanto em termos de sinal quanto em termos de linguagem estabelecida, que se presta a uma comunicação popular, informativa e de prestação de serviços.

Foi esta incerteza em relação ao futuro do rádio AM, adicionada à grande quantidade de recursos que seriam necessários para colocar a rádio AM da UFPE no ar que fizeram com que o grupo desistisse do projeto. Discutir linguagem, custos, técnica, a perspectiva de digitalização do sinal e a possibilidade de experimentação conduziram naturalmente à noção de rádio web. Contudo, antes de qualquer movimento no sentido de implementar o projeto, foi necessário confrontar esta noção com a de rádio tradicional, explorar suas possibilidades e as eventuais limitações de uma rádio web como projeto de extensão universitária.

## REVISÃO TEÓRICA

### Rádio WEB vs Rádio na WEB

A noção de rádio web, web rádio ou internet rádio, surge ainda em 1993, quando Carl Malamud, fundador do *Internet Multicasting Service*, lança o *Internet Talk Radio*, um talk show que entrevistava semanalmente especialistas em computação. Em 24 de junho do mesmo ano é transmitido o primeiro concerto online com a banda *Severe Tire Damage*, numa apresentação feita

na Xerox PARC (*Palo Alto Research Center Incorporated*) utilizando a tecnologia MBone. Em novembro de 1994, os Rolling Stones se apresentam online utilizando a mesma tecnologia. No mês seguinte a WXYC 89.3 FM, rádio estudantil da Universidade da Carolina do Norte, torna-se a primeira estação de rádio tradicional, isto é, transmitida via radiodifusão, a realizar transmissões online. A partir daí, ao longo da segunda metade dos anos 90, as web rádios se tornam relativamente comuns, especialmente com o desenvolvimento da tecnologia de streaming.

Em termos genéricos define-se rádio web como a emissão radiofônica via internet utilizando-se de tecnologia streaming, independentemente do formato de áudio utilizado. Esta definição genérica, inclui (1) rádios tradicionais que usam de streaming para transmitir suas programações regulares via internet, (2) programações especiais destas rádios, (3) rádios que operam exclusivamente na internet com formatos e programações que simulam as rádios tradicionais e (4) rádios que utilizam a web como plataforma de experimentação da linguagem radiofônica. Estas últimas, agregando à transmissão radiofônica textos, imagens e conteúdos audiovisuais complementares e/ ou que rompam a lógica das programações lineares, típica das rádios tradicionais e que proponham programações articuladas<sup>1</sup>. Isto significa disponibilizar programas e playlists que possam ser organizados pelo público conforme seus interesses e contexto da escuta, assim como sua necessidade de se aprofundar ou não em determinado conteúdo disponível. Neste sentido, o uso de links como ferramenta fundamental de navegação na web, estruturas que permitam o reordenamento de conteúdos (organização de programas e playlists em grades personalizadas pelo ouvinte-internauta) e de estratégias transmídia seriam componentes essenciais para diferenciar algo que chamaremos aqui de linguagem de web, da linguagem tradicional de rádio.

Ao tratar das rádios universitárias na web, Piñeiro-Otero e Ramos (2011, p.52) se referenciam ao fenômeno da mediamorfose, identificado por Fidler (1997, citado por PIÑEIRO-OTERO e RAMOS, p. 52) que no rádio “responde a um processo gradual de transposição dos media convencionais para a Internet, ainda em curso, em função da sua adaptação às novas possibilidades da web assim como às tendências de uso e consumo dos internautas”. Prata (2008, p. 75-76) cunha o termo radiomorfose para tratar especificamente do rádio, para a autora (Idem, 2009, p. 293), “a webrádio é radiofonia digital, só que o suporte Internet permite a presença de elementos textuais e imagéticos, além dos sonoros, propiciando o surgimento de novos gêneros e novas formas de interação”. Piñeiro-Otero e Ramos (2011, p. 83) completam este raciocínio explicando que na rádioweb convergem várias características da mídia tradicional com outras agregadas de sua essência multimidiática, “como a flexibilidade, ubiquidade, a comunicação

---

1 A este respeito, Herreros (2011, p.82-83) explica: “O desenvolvimento técnico-midiático se produz em várias fases. A primeira constitui-se pela consideração da nova tecnologia como um mero instrumento de redifusão do elaborado no sistema anterior. O rádio tradicional utiliza a internet como outro suporte de difusão como as ondas, sem mudança nem nenhum tratamento específico. A segunda incorpora certas adaptações à nova tecnologia e nascem outras iniciativas, mas copiando a anterior. O rádio tradicional adapta suas ofertas a algumas das possibilidades da internet: fragmentações de programação, inclusão de processos de interatividade e diálogo entre a emissora e os usuários com sistemas eletrônicos, chats, fóruns. A terceira compreende uma oferta original muito diferenciada em seu tratamento em relação à anterior. São geradas novas opções: interatividade entre usuários, vinculação a redes sociais, versões diferenciadas para cada inovação. Em alguns destes casos já se discute sobre se pertencem à perspectiva do radiofônico ou se se criam meios sonoros diferentes”

síncrona e assíncrona, a linguagem multimídia ou a interactividade” (Ibidem). A articulação dos arquivos sonoros entre si, que possibilita a navegação sonora pela rede, seria denominado pelos autores de hiperáudio, possibilidade que permite que com “um simples clique do rato e o usuário pode mudar de um universo para outro, dentro da mesma rádio, em função das suas preferências pessoais” (Ibidem, p.55).

Com isso, uma distinção é necessária para este trabalho: a de rádio na web e rádio web. Em princípio, pode não fazer sentido utilizar terminologias diferentes, uma vez que ambas usam a web para a transmissão de conteúdos radiofônicos. Rádio na web seria a rádio que, embora transmita conteúdos na web, segue a lógica de grade tradicional, pensada de forma linear, sem que o usuário possa interagir com os conteúdos. Rádio web seria aquela que não apenas utiliza a web para a transmissão de conteúdos, mas que os concebe pensando nas possibilidades de interação e navegação que ela permite, oferecendo conteúdos cuja escuta pode se dar de diferentes formas e com diferentes níveis de interação do ouvinte, em outras palavras, que concebe sua programação considerando a possibilidade de hiperáudio. Oferecemos aqui uma distinção possível entre rádio na web e web rádio que indica diferentes etapas daquilo que Prata chama de radiomorfose, alertamos, contudo, que esta distinção não esgota o debate sobre o conceito de rádio web.

De qualquer forma, alertamos para o fato de que um modelo melhor elaborado de rádio web deve se basear menos na tecnologia de transmissão de conteúdos e mais no arranjo destes conteúdos em face da tecnologia através dos quais são transmitidos. Isto porque, como visto anteriormente ao mencionar o rádio AM, aquilo que chamamos de rádio é parte de uma trajetória que se inicia com o surgimento do rádio enquanto tecnologia e da sua contínua elaboração enquanto linguagem, que começa no movimento radioclubista de inícios do século XX e passa pelas AMs e FM<sup>2</sup>, até chegar na internet. Há de se concordar que, até que a linguagem AM fosse consolidada, ela era carregada de radioclubismo e que a FM surge impregnada de AM até estabelecer suas características e distinções. O mesmo então pode ser dito sobre o rádio web, que também nasce impregnado de AM ou FM e que, por isso, assemelha-se tanto a elas. É a linguagem estabelecida do rádio nos anos 90 associada às limitações técnicas da internet (baixa velocidade da rede e poucos programas disponíveis para edição de conteúdos e radiodifusão) que faz com que as primeiras rádios web sejam iguais às tradicionais. Contudo, 20 anos depois da primeira transmissão, faz sentido que o rádio busque novas linguagens na internet. Efetivamente, rompida a relação com a radiodifusão tradicional e radicalizando-se esta lógica na web não há mais rádio, já que não há ondas eletromagnéticas, mas a linguagem do meio, em contínuo

---

2 A distinção técnica e de linguagem entre AM e FM é bastante típica da radiodifusão brasileira e não pode ser aplicada nestes termos exatos a outros contextos. De qualquer modo, há em todo mundo rádios de caráter mais informativo e de caráter mais musical e de entretenimento, associados no Brasil respectivamente a AM e FM. Neste sentido vale destacar que mesmo a distinção entre linguagem de AM e FM é sutil e depende de outras características como a finalidade da rádio por exemplo. As rádios educativas, públicas ou comunitárias têm linguagens diferentes das rádios comerciais, sejam elas AMs ou FM.

processo – e assim tem sido desde os seus primórdios – de mudança e readequação contextos e tecnologias<sup>3</sup>.

## **Produção de Conteúdos**

Facilidade de implementação e baixo custo são recorrentemente associados às rádios web e destacados como pontos de vantagem em relação às rádios tradicionais, ampliando a democratização da linguagem do rádio. Ambos argumentos se referem tanto à ausência de trâmites legais e burocráticos de implementação, já que não há concessões estatais para este tipo de serviço, quanto – e principalmente – à produção, simplificada e tornada ágil pelas tecnologias digitais de captação, edição e transmissão, muitas dessas gratuitas ou diluídas em equipamentos de uso cotidiano como computadores pessoais e celulares.

A sociedade da informação é aquela na qual a troca de informações é uma atividade econômica e social predominante. A transição para esta sociedade tem sido acelerada em função da rápida convergência de sistemas de comunicação, do avanço das tecnologias da informação e do crescimento de redes que carregam informações em formato digital. Contemporaneamente vive-se o momento em que são abertas as primeiras supervias de informação, redes em alta velocidade que transportam texto, áudio e vídeo. A pulverização dos meios de comunicação é uma mudança significativa na natureza dos meios de massa.

Do mesmo modo que a produção digital amplia as possibilidades de consumo, também o faz com as de produção. Quando a informação é digitalizada ela pode ser prontamente transformada de um formato para outro ou passar por diversas mídias. Esta é, para Manovich (2001) uma das características das novas mídias (representação numérica, modularidade, automação, variabilidade, transcodificação) e é ela quem viabiliza a convergência, conforme preconizada por Jenkins (2009), na qual conteúdos complementares fluem por diferentes suportes. A digitalização faz do computador o maior produtor de conteúdo de mídia da contemporaneidade. Seu uso elimina parte do esforço de editoração e publicação que antes havia no processo de produção de conteúdos. Assim indivíduos trabalhando em computadores pessoais podem produzir conteúdos de qualidade profissional, que antes envolviam uma cadeia de produção complexa.

Manovich (2002) explica que na sociedade da informação, trabalho e lazer muitas vezes envolvem o uso das mesmas interfaces de computador. Este novo e estreito relacionamento entre trabalho e lazer é complementado por um novo e estreito relacionamento entre produtores de objetos culturais e seus usuários. Para o autor, isto não significa que as novas mídias colocam as diferenças entre produtores e usuários em crise, mas explica que da sociedade industrial para a

---

<sup>3</sup> Utiliza-se com alguma frequência o termo pós-rádio para referir-se às grandes mudanças que estão acontecendo no rádio em função da digitalização, mas o prefixo pós parece estabelecer uma ruptura quando o que realmente se produz é uma inovação. De qualquer forma, “segundo esta perspectiva tudo o que seja alguma inovação sobre o rádio adquiriria a qualificação de pós-radiofônico. O rádio adentrou uma nova fase que pode ser denominada com precisão rádio na internet ou ciberrádio” (HERREROS, 2011, p. 86).

sociedade da informação, das velhas para as novas mídias, a coincidência entre produtores e usuários se acentua. O autor usa como evidência deste processo o uso dos mesmos softwares (navegadores, mecanismos de busca, processadores de texto, editores de imagem e som, etc) por produtores e usuários, o que provoca uma menor distância entre profissionais e amadores nas novas mídias.

Para tratar das questões referentes à montagem das novas mídias e aos softwares de aplicação, cuja atuação permite ao usuário criar objetos de mídia ou modificar os existentes, Manovich (2001) usa o termo operação. As operações de produção podem ser consideradas híbridas, sociotécnicas, resultantes da associação entre elementos heterogêneos que não se reduzem a uma ferramenta ou meio específico. O autor (Ibidem) lembra que as operações são incorporadas em softwares, mas não amarradas a eles. Elas são empregadas não apenas nos computadores, mas no mundo social exterior. Isto é, as operações ou estratégias que utilizamos ao trabalhar com dados no computador são produto de um duplo movimento: se por um lado seguem uma lógica social mais ampla, ideologias e integram o imaginário das sociedades contemporâneas, por outro, tornam-se parte das nossas estratégias cognitivas mais gerais, a partir das quais entendemos o mundo, os outros e a nós mesmos.

As operações são elementos que perpassam todo o conjunto sociotécnico, efetivam-se pela ação do usuário, materializam-se nas ferramentas de software e seus resultados emergem na interface. Certos tipos de operação se tornam mais comumente praticadas por sujeitos que assumem o papel de produtores. Outros são adotados por aqueles que se configuram como usuários, existindo ainda operações desempenhadas tanto por produtores quanto usuários. Os processos de convergência, colaboração e criação de softwares de editoração para amadores, permitem que realizadores iniciantes possam produzir conteúdos e distribuí-los. As novas tecnologias são espaços de experimentação, onde novas linguagens, adaptadas à realidade de cada suporte, podem se desenvolver. A internet é o principal espaço de veiculação de conteúdos digitais. Para otimizar os seus recursos e viabilizar a produção, especialmente a realizada por não experts, dispõem-se de ferramentas ou aplicativos específicos para a produção de conteúdos para web. Com isso, hardware, software e os serviços de comunicação utilizados pelos usuários vão redefinindo o papel dos sujeitos sociais que utilizam computadores e internet, através da multimediação, integração das linguagens e formação de novas linguagens.

O aprimoramento de ferramentas de autoria para a produção de conteúdos não lineares e o desenvolvimento de interfaces mais intuitivas e que não demandam de grande conhecimento teórico de programação permitem a produção de conteúdos para a web. As interfaces acessíveis e intuitivas tornam possível interagir de maneira intensiva no processo de produção da informação. São elas que viabilizam a fácil utilização da tecnologia através de ícones, menus e cursores e estabelece uma nova forma de pensar a relação entre os computadores e seus usuários. Em síntese, as interfaces amigáveis permitem que os usuários se relacionem com a máquina, apropriando-se das suas ferramentas e convertendo-se também em produtores ativos e

imersos numa malha telemática que permite trocas mais intensas. Daí decorre uma tendência de se desenvolver projetos transdisciplinares e manter o diálogo entre as áreas, pontos-chave para a inovação na produção de conteúdo e superação dos modelos de produção praticados, assim como linguagens a eles vinculados. Pode-se dizer mesmo a mediamorfose preconizada por Fidler se torna mais visível diante dos acelerados avanços tecnológicos. Do especialista em uma única tarefa, surgem profissionais multitarefa, capazes de produzir, por meio de ferramentas específicas, conteúdos do começo ao fim.

Faz-se necessário aqui distinguir de publicação e de desenvolvimento. Os publicadores são ferramentas de edição multimidiática, para os quais não há necessidade de programação, ou seja, de conhecimento do código fonte para o HTML (*Hypertext Markup Language*), linguagem padrão da web. Os profissionais de comunicação, trabalham com publicadores de conteúdo, cabendo aos desenvolvedores de internet (experts com conhecimentos de linguagens de programação), por meio de ferramentas específicas, desenvolver sites, através de ações de programação e marcação. Contudo temos aqui mais uma distinção difícil de ser realizada, uma vez que há mais de um conceito para os termos publicador e desenvolvedor. Os publicadores são os aplicativos que permitem criar ambientes de web em que conteúdos diversos – texto e audiovisual – podem ser publicados. O Microsoft Frontpage foi durante muito tempo um dos mais utilizados por, tratar-se de um publicador de interface e recursos simples e por sua integração com o ambiente Windows. Contudo, os publicadores caem em desuso com o surgimento dos blogs no final dos anos 90, que ganham força na década seguinte. Com os blogs, a publicação de conteúdos se torna ainda mais simples.

Os blogs são suportes pré montados que o usuário personaliza de acordo com seus interesses e manejo das ferramentas. Contudo, basta saber utilizar a internet e cadastrar-se num serviço gratuito de blogs para criar um e iniciar o uso imediatamente. Poucos anos depois dos blogs surgiram os fotoblogs e os microblogs como o Twitter e o Tumblr e antes destes o MySpace, uma rede social que permite publicação de conteúdos, especialmente de áudio, motivo pelo qual se tornou célebre. Concomitantemente apareceram sites como Youtube e Vimeo, específicos para a publicação de conteúdos em vídeo. Embora tenham limitações, as redes sociais também permitem a publicação de conteúdos diversos, contudo, estes eventualmente ficam restritos aos usuários da rede. Muitos dos serviços citados, além de publicadores, oferecem ferramentas de edição como o Flickr, que permite a edição online das imagens que são carregadas no site. Mais especificamente sobre a publicação de áudios, em 2007 são criados o Grooveshark e o Soudcloud sites de compartilhamentos de música online que permitem a criação de playlists.

Os aplicativos para a produção de conteúdos para web impactam as formas de produção de informações e entretenimento para a web. São eles que contribuem para a atenuação das fronteiras entre produtor e consumidor (que aparece na ideia de *prosumer*<sup>4</sup>) e amador e

---

4 O termo *prosumer* é criado por Alvin Toffler nos anos 80 e tem uma dupla significação. No contexto original se refere ao consumidor com alto grau de exigência, que interfere ativamente no processo produtivo indicando seus desejos e necessidades, acatados em função da competitividade dos mercados. É da noção de customização que advém esta ideia. Na área de tecnologia, sentido com que

profissional, considerando-se que, muitas vezes as ferramentas que produzem conteúdos são as mesmas. Isso é possibilitado pelas interfaces amigáveis, são elas, como bem comenta Laurel (1991), que evidenciam a vocação do computador para a ação, permitindo a interação com a máquina para os não experts. Com emprego de algumas potencialidades da máquina, que as interfaces amigáveis viabilizam, o usuário pode criar conteúdos e divulgar suas criações usando para isso a web, onde interage com inúmeros outros produtores e com seus públicos.

## A Rádio Universitária Web

A criação da Rádio Universitária Web só foi possível em função da facilidade de acesso a ferramentas de captação, autoria/editoração e publicação. Se de um lado havia a ideia de criar a rádio web fundamentada nas reflexões realizadas sobre o rádio AM e no argumento de que seria mais fácil e menos custoso elaborar uma rádio desta natureza – além, é claro, as vantagens de se testar a linguagem rádio web –, por outro esbarramos em questões práticas para a implementação do projeto: como e através de quais ferramentas criar a rádio web? E que operações utilizar para dar à rádio um acabamento, se não profissional, menos amador?

Enquanto a rádio web estava sendo desenhada vieram à tona apenas questões muito genéricas sobre o tipo de conteúdo que deveria incluído no site. As reflexões sobre o conceito de rádio web e a distinção que estabelecemos com rádio na web conduziram a duas decisões que balizaram todo o trabalho de pesquisa e desenvolvimento. A primeira é que a Rádio Universitária Web deveria dispor de conteúdos textuais e multimídia. A segunda é que deveria haver uma programação linear em streaming funcionando continuamente a partir do click do ouvinte. Estabelecemos, de acordo com a capacidade de produção do grupo envolvido – dois professores e três bolsistas mais o auxílio de alunos voluntários e materiais oriundos das disciplinas – que seriam três horas diárias de programação. A segunda reflexão é que, independentemente do streaming todos os programas e playlists seriam oferecidos isoladamente, para que fossem ouvidos à parte da programação ou reorganizados pelo público numa grade personalizada (anteriormente indicamos que esta seria, de acordo com o conceito formulado, uma das características de uma rádio web). Em documento elaborado em agosto de 2012 os bolsistas propuseram o layout da Figura 01.

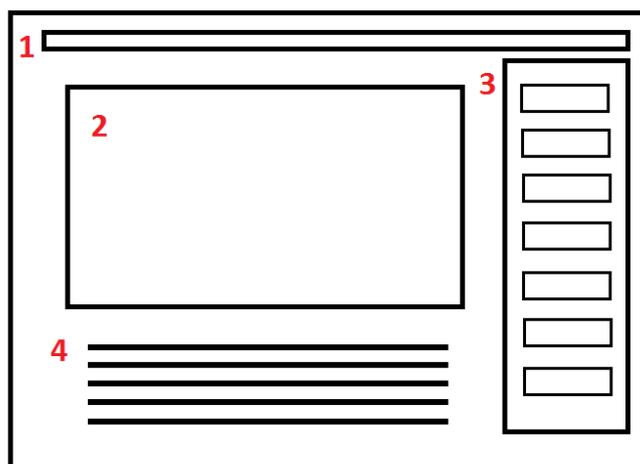
1. Barra superior: Barra que inclui atalhos (links) para todos os setores do site – programas, matérias, agenda cultural, jornalismo, entre outras possibilidades. Os itens seriam:

Home: Link para voltar a pagina inicial do site.

---

aparece no presente artigo, o termo se refere aos produtos desenvolvidos para usuários avançados, mas não necessariamente profissionais. No primeiro sentido a palavra *prosumer* aparece como uma junção de produtor e consumidor, no segundo de profissional e consumidor.

Contato: Espaço para entrar em contato com os responsáveis pelo site para sugestões, críticas, pedidos, etc. Esse recurso pode se aliar com as redes sociais, como forma de interação com o público.



**Figura 1:** Layout proposto pelos bolsistas.

Busca: Recurso para facilitar a localização de conteúdos dentro do site.

Institucional: Relato do que é a Rádio Universitária Web, como surgiu o projeto e qual a sua função. Importante destacar também quem faz parte do projeto

Programação: Se for o caso de ter uma grade fixa. caso contrário, um link direcionando a apresentação dos programas exibidos na rádio e sua periodicidade.

Parceiros: Parceiros e apoiadores do projeto.

Extra/espço multimídia: Área destinada a fotos de bastidores, vídeos, áudios para download ou não.

2. Grade de programação contínua: Na grade, será disponibilizada o streaming contínuo (ouvir toda a programação), o streaming por horário (ouvir os programas do horário em questão – manhã, tarde ou noite) ou o streaming individual (ouvir cada programa isoladamente).

3. Grade Especial: Cada programa que esteja à parte da grade de programação contínua terá seu espaço individual, que poderá contar com o link para download e/ou streaming de sua edição mais recente, link para site/blog do projeto, entre outras possibilidades.

4. Conteúdo Escrito: Espaço para materiais escritos, de caráter diverso.

Além dos itens numerados, propôs-se também um espaço para playlists, que viria a ser dominante no projeto, mas que não aparece indicado neste desenho inicial.

Havia na época uma preocupação de que o projeto gráfico ficasse muito formal para os propósitos de uma rádio universitária. Cabe aqui um adendo: ao conceber a rádio, pensou-se também sobre o tipo de público que iria escutá-la. De modo empírico e baseado no dia a dia dos estudantes, chegou-se ao consenso de que a rádio deveria ser voltada a um público jovem. Efetivamente, pensou-se no alcance de divulgação da rádio via redes sociais e chegou-se a conclusão de que, usando-se as redes sociais, o público atingido seria basicamente composto pelos contatos de alunos e professores,. O público jovem apareceu naturalmente como público da

rádio, tanto considerando-se que este público tem familiaridade e interesse sobre questões relacionadas à internet, quanto pelo o tipo de divulgação que seria realizada. A conclusão semelhante chegam Piñeiro-Otero e Ramos (2011, p. 62) ao afirmarem que:

A incorporação da web rádio no âmbito da radiodifusão universitária favorece a conexão com as novas gerações de estudantes, pertencentes à geração dos nativos digitais. De facto, tal como assinalam Rose e Lenski (2007) ou Baker (2010) os estudantes universitários configuram-se como os principais ouvintes/usuários da rádio em Internet, bem como dos diferentes serviços que veicula.

Definidos os conteúdos que seriam aportados no site da rádio, o próprio site surge como problema. Seria necessário construir um site para colocar a rádio em funcionamento. Seguiu-se então a lógica de publicação de conteúdos em blogs, por ser mais simples e por não implicar em custos elevados. Inicialmente pensou-se que o blog poderia ser desenvolvido pela equipe internamente, mas havia a necessidade de resolver adequadamente a questão do upload e arquivamento de conteúdos, já que as ferramentas cogitadas para isso (Grooveshark e Soudcloud) apresentavam restrições de capacidade e gerenciamento. Também sentiu-se a necessidade de uma interface mais dinâmica, que não fosse apenas lida no sentido vertical, como nos blogs tradicionais. Imediatamente o grupo percebeu que para o manejo destas dificuldades seria necessário contar com o apoio de experts. Isto é, embora a editoração e publicação possam ser feitas na internet por amadores ou não experts, as opções de uso e manuseio dos meios ficam restritas no nível do “*what you see is what you get*”<sup>5</sup>, isto é, o usuário têm o que pode ver, sem efetivamente realizar atividades de programação, ou pelo menos, atividades mais complexas de programação. Também no sentido de dar um aspecto profissional à rádio, fez-se o registro do domínio <http://www.radiouniweb.com.br><sup>6</sup>.

A necessidade de auxílio nos fez contar com o apoio de uma empresa especializada<sup>7</sup>, que funcionou como parceira no projeto. Com base no documento dos bolsistas a empresa reorganizou o site conforme Quadro 01.

**Quadro 1:** Descrição dos itens do site.

MENU	DESCRIÇÃO
<b>Itens Fixos</b>	- Logomarca - Menu de navegação - Campo de busca - Parceiros*
<b>1. Página Principal</b>	1.1. Chamada para os programas mais recentes* 1.2. Conheça nossos colaboradores (chamada para a grade especial)* 1.3. Notícias* 1.4. Chamada para playlist*
<b>2. Institucional</b>	2.1. Apresentação do projeto

5 É a capacidade de um programa de computador de permitir que um documento, enquanto manipulado na tela, tenha a mesma aparência que terá no momento da sua manipulação, o que facilita o manuseio pelo usuário.

6 Não localizamos entre os domínios de rádio web das faculdades e universidades brasileiras nenhuma que utilize o .com. Alguns endereços de radio web desta natureza seriam: <http://www.unioeste.br/webradio/> (Unioeste); <http://www.radio.ufpr.br/> (UFPR); <http://www.radio.ufg.br/> (UFG); <http://radio.unesp.br/> (Unesp); <http://www.radio.ufpa.br/> (UFPA); <http://www.radio.ufscar.br/> (UFSCAR).

7 Contamos com a parceria da Cappen, uma agência digital de Recife que trabalha com layout e operacionalização se sites (<http://www.cappen.com>).

3. Grade de programação contínua	3.1. Área com a grade da programação com opção de ouvir a rádio via streaming*
4. Grade especial	4.1. Listagens dos programas* 4.2. Página interna do programa com apresentação e link para o streaming*
5. Playlists	5.1. Área de arquivo de playlists com opção de filtragem*
6. Espaço Multimídia	6.1. Área com itens para download: Áudio e vídeos*
7. Contato	7.1. Informações e formulário de contato 7.2. Ícones para as redes sociais

Os itens com asterisco se referem a áreas dinâmicas alimentadas diretamente através do WordPress, plataforma para a publicação pessoal (blogs) e, ao mesmo tempo, software livre e gratuito para gerenciamento de conteúdos. Embora concorra diretamente com o Blogger (serviço de publicação de blogs do Google), o WordPress é utilizado para se obter um resultado mais profissional e com mais recursos. Segundo descrição na sua página oficial em português<sup>8</sup>, “o WordPress é o que você usa quando você quer trabalhar e não lutar com seu software de publicação de blogs”. O uso do WordPress solucionou a questão de se dar um aspecto profissional ao site, sendo este gerenciável pelos alunos participantes do projeto. Contudo, tal arranjo não foi possível, sem o auxílio de experts.

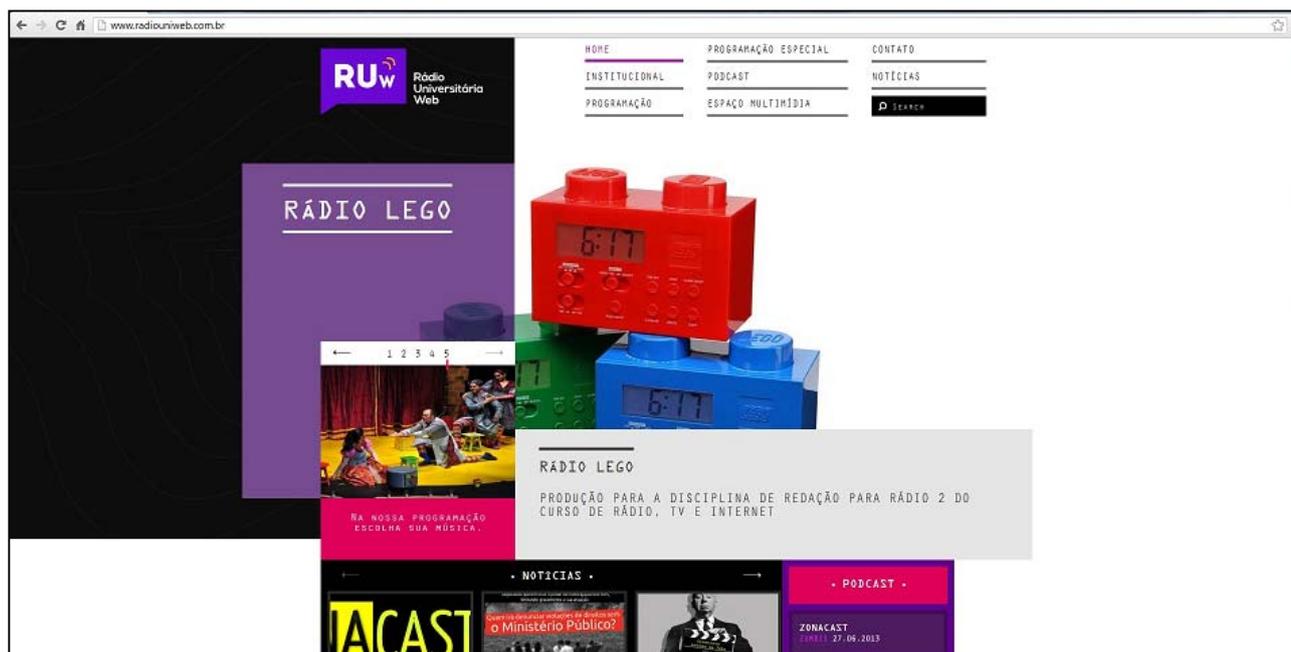


Figura 2: Página inicial da Rádio Universitária Web.

<sup>8</sup> <http://br.wordpress.org/>

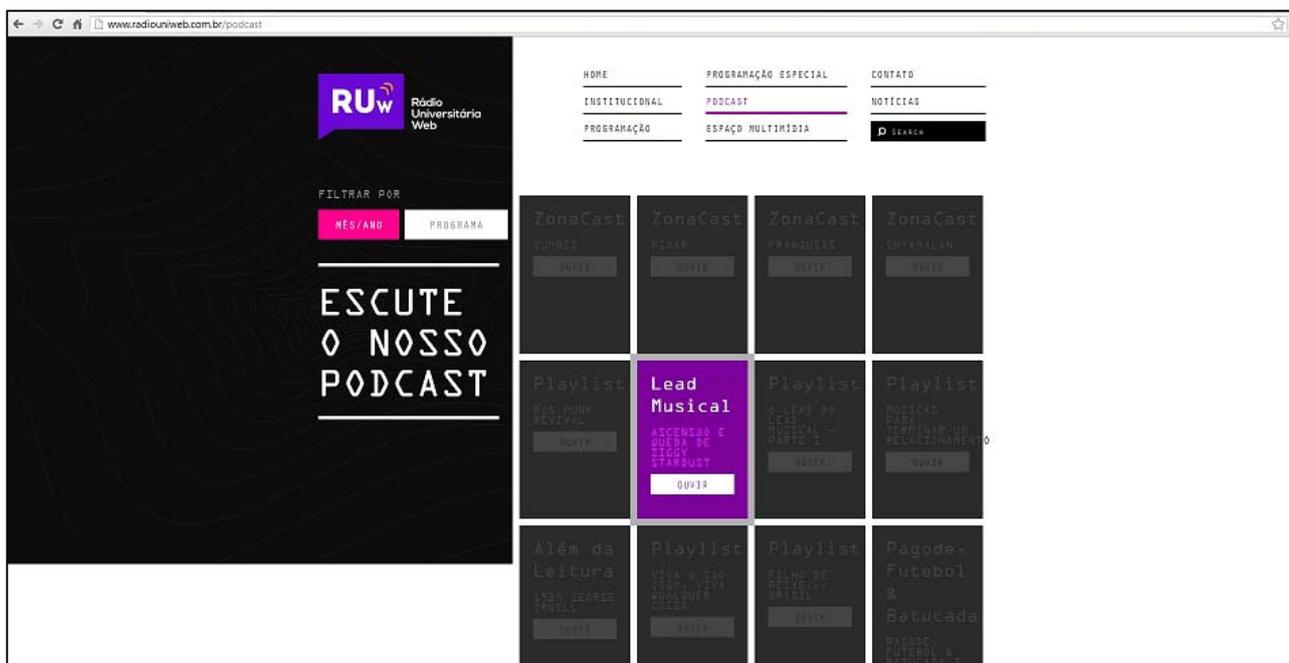


Figura 3. Repositório de playlists

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o papel educacional das web rádios universitárias Piñeiro-Otero e Ramos (2011, p. 52) explicam que:

a configuração do media radiofónico em Internet oferece múltiplas potencialidades no que se refere às rádios universitárias. Estas emissoras estão a experimentar um importante desenvolvimento na web devido às facilidades de carácter tecnológico e legal que esta tipo de difusão oferece, e que têm propiciado o surgimento de novas formas de criação, emissão e difusão (TEIXEIRA; PERONA PÁEZ; GONÇALVES, 2010, p.184), mas também de partilha, como bem demonstra o actual fenómeno das redes sociais.

De fato, a jornada da Rádio Universitária Web, lançada em março de 2013 tem sido a de se buscar novas formas de criação no rádio. A trajetória que leva à implementação da Rádio Universitária Web passa pela discussão do conceito de rádio web e pela percepção mais acurada das ferramentas de autoria/ edição e publicação na internet. Contudo, dois pontos fundamentais tornam mais difícil o processo de experimentação. O primeiro e mais conceitual, está no fato de sermos parte da radiomorfose e vivenciarmos justamente o processo reconfiguração do rádio tradicional para o web rádio. Não custa lembrar que na própria UFPE apenas em 2010, o curso de Rádio e TV passa a se chamar Rádio, TV e Internet, oficializando-se a inclusão de mais uma mídia ao escopo da formação do profissional. Na prática, este movimento de inclusão da Internet nas ementas das disciplinas vinha ocorrendo desde finais dos anos 90 nos três cursos de comunicação social do departamento<sup>9</sup>.

O segundo ponto se refere à noção de hiperáudio. Buscar o conceito de web rádio distinguindo-o de rádio na web implicou na tentativa de se ter maior interatividade de conteúdos,

9 À época funcionavam os cursos de Rádio e TV, depois denominado Rádio TV e Internet; Jornalismo e Publicidade e Propaganda.

conteúdo textual e multimídia e programas e playlists isolados, para que o público tivesse autonomia de ouvir a rádio como quisesse. Contudo, esta proposta esbarrou na limitada capacidade de upload de conteúdos e, principalmente, no desenvolvimento de uma ferramenta online através do qual o público pudesse ordenar os programas e playlists. Projeto que continua em aberto a ser implementado pela rádio no futuro. Embora a equipe da rádio tenha ganhado autonomia de produção e divulgação de conteúdos utilizando a web como plataforma, percebe-se que esta autonomia foi circunscrita conforme a complexidade do projeto que exigiu em diferentes momentos maior ou menor conhecimento técnico de computação.

De qualquer forma, a facilidade de captação de áudio, edição e postagem de conteúdo, permitiu que os alunos criassem programas e playlists diversos, conforme seus interesses, disponibilidade de tempo, demanda de disciplinas e de projetos de extensão<sup>10</sup>. A experimentação, tem ocorrido mais em termos de conteúdos do que de técnicas de produção. Do mesmo modo, é possível dizer que próprio formato de rádio web tem sido testado. Conforme a distinção que apresentamos de rádio web e rádio na web, temos hoje uma espécie de híbrido. A programação da Rádio Universitária Web nem é estruturada meramente em termos de streaming contínuo, seguindo a mesma lógica de grade 24h das rádios tradicionais nem consegue ainda dar liberdade para o público montar sua própria programação, uma vez que não dispõe de ferramentas para isso.

Esta limitação revela um ponto interessante em relação ao papel do comunicador e, mais especificamente do profissional de Rádio, TV e Internet. O instrumental oferecido pelos cursos e pela formação tradicional em Comunicação Social permite que o aluno, e posteriormente o profissional, capte, produza, gerencie e mesmo suba conteúdos de caráter diverso na internet (texto, som e imagem), contudo, as suas possibilidades de atuação acabam esbarrando nos limites da programação de software, se não tanto, de um conhecimento técnico mais apurado de informática. A Rádio Universitária Web, de alguma forma se circunscreve a esta mesma limitação. Os alunos e professores envolvidos no projeto conseguem propor conteúdos diversos, mas não arquitetar o site, de modo que a liberdade e a interação que oferecem ao usuário se limita àquilo que ao profissional de comunicação é possível fazer, o que é muito em termos de autonomia de produção, mas pouco em face das possibilidades que as mídias digitais podem oferecer.

Manovich (2001) explica que as mídias digitais, ou novas mídias, como denomina, definem-se mais pelos meios computacionais de distribuição e exibição, do que por sua produção computacional. Assim, para se compreender estas mídias deve-se observar também seus processos de distribuição e exibição e os novos processos de fruição, de relação com os conteúdos e sociais que estabelecem. A breve existência da rádio Universitária Web, do seu nascimento até esta reflexão, revela na prática como as mídias computacionais afetam a

---

10 As disciplinas de Redação para o Rádio I e Oficina de Produção radiofônica produziram conteúdos para a rádio ao longo do primeiro semestre de 2013. Em adição, o projeto de extensão "Universitária em Cena", produziu a radionovela "Cicatrizes da Paixão", veiculada no blog da extensão e posteriormente (reeditada em capítulos menores) na Rádio Universitária Web. Atualmente esta extensão, criada e coordenada pela Profa. Adriana Santana, prepara sua segunda radionovela. Ao longo dos próximos semestres, a disciplina de Redação para Rádio II e disciplinas dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda também devem contribuir com a rádio.

produção do rádio, ou daquilo que costumamos chamar de rádio, em função do processo histórico de construção e conceituação do meio. Novos processos, ainda difíceis de analisar surgem com as novas mídias e com o conjunto de práticas de produção, distribuição e exibição a elas relacionadas. A questão agora é o que seremos capazes de fazer com o rádio no meio digital e como isso aferará não só a aquisição, manipulação, armazenamento e distribuição de conteúdos (inicialmente) radiofônicos. O projeto de uma rádio universitária, tendemos a crer reverberando o pensamento de Piñeiro-Otero e Ramos (2011), constitui-se num espaço ideal para testar as diferentes possibilidades do meio e repensar, a cada nova possibilidade, na própria natureza do rádio enquanto linguagem.

## REFERÊNCIAS

- JENKINS, H.. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- HERREROS, M. C.. O rádio no contexto da comunicação multiplataforma. **Radioleitur**s, n.1, 2011.
- MANOVICH, L.. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.
- MANOVICH, L.. Banco de dados como gênero das novas mídias. **Galáxia**, n.3, p.167-177, 2002.
- Laurel, B.. **Computer as Theatre**. Massachusetts: Addison-Wesley Publishing, 1991.
- PRATA, N.. **Panorama do rádio no Brasil**. v.1. Florianópolis: Insular, 2011.
- PRATA, N.. A web radio em Portugal. **Estudos em Comunicação**, n.6, p.293-315, 2009.
- PRATA, N.. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- PIÑEIRO-OTERO, T.; RAMOS, F.. **Rádios universitárias na Web 2.0: perspectivas e potencial**. **Radioleitur**s, n.1, 2011.